



A IGREJA, COMUNIDADE DE AMOR

Queridos Homens do Terço!



Com certeza vocês já cantaram muitas vezes *“Prova de amor maior não há/que doar a vida pelo irmão”!* Esse desafio foi lançado por Jesus aos seus discípulos e se desdobra em muitas atitudes que o Mestre recomendou aos que Nele creem e o querem seguir até o fim. O Homem de Nazaré disse que: Quem quiser ser o primeiro deve se colocar a serviço dos outros; que não basta dizer Senhor, Senhor para entrar no Reino dos céus; que é preciso amar os inimigos e rezar por aqueles que nos perseguem; que quem quiser segui-lo tem que pegar a sua cruz etc.

É bom dizer também que o filho do carpinteiro não só desafiou os seus amigos, mas Ele próprio viveu cada uma das atitudes recomendadas. Desde o seu nascimento até sua Ascensão ao céu, a vida do Galileu foi uma plena doação a todos que Dele se aproximaram e buscaram ajuda. Tudo começou quando o Arcanjo Gabriel anunciou o seu nascimento à Virgem cheia de graça. Naquele momento, ela ficou sabendo que sua prima Isabel estava grávida e saiu às pressas para visitá-la. O amor não deixa ninguém esperando.

Movido pela compaixão, o menino que foi posto numa manjedoura recebeu a visita dos pobres pastores que viviam excluídos do convívio da sociedade; os sábios do Oriente lhe presentearam com ouro, incenso e mirra, reconhecendo a sua realeza, divindade e anunciando a morte de cruz para salvação da humanidade. Quando completou 40 dias de nascido, José e Maria apresentaram o primogênito no templo e ali o menino foi recebido com festa por Simeão e Ana, idosos que esperavam ansiosamente a chegada do Messias. Adolescente, Jesus afirmou no templo que veio para fazer a vontade do Pai e, no dia do seu batismo no Rio Jordão, uma voz vinda do céu anunciou: *“Tu és o meu Filho amado; em ti está o meu agrado”*. Durante 40 dias, Ele foi solidário com o seu povo no deserto, rezando e jejuando como forma de se preparar para a missão. Venceu as tentações de satanás com a força da Palavra anunciada nas Sagradas Escrituras.

Na festa de casamento em Caná da Galileia, ele antecipou a sua hora para acudir o casal que já não tinha mais vinho para servir aos convidados; curou a febre da sogra de Simão para que ela pudesse colocar-se a serviço; devolveu a vida ao filho da viúva de Naim e ao seu amigo Lázaro; não condenou aquela pecadora pública que fora pega em adultério e deveria ser apedrejada, apenas disse *“vá e não peques mais”*; entregou as chaves do Reino a Pedro, mesmo sabendo que mais tarde o negaria por três vezes. São muitos os fatos que aqui podem ser enumerados, porque *ELE PASSOU FAZENDO O BEM*.

Como povo peregrino que quer continuar a missão do Nazareno, a Igreja tem que ser uma comunidade de amor. Ela não pode fomentar o ódio, a vingança, a avareza, a vanglória, a ganância etc. *“Amar os inimigos e rezar por aqueles que a perseguem”* devem ser a coluna de sustentação de todas as atividades da comunidade dos seguidores de Jesus. As armas dos cristãos não podem ser canhões, tanques de guerra, fuzis e metralhadoras, mas tratores, colheitadeiras, livros, bálsamo etc. Construir é a ordem dada pelo Mestre.

Desde o seu início até os nossos dias, são muitos os exemplos de ações concretas de construção, realizadas pela comunidade dos discípulos de Jesus. O livro dos Atos dos Apóstolos afirma que *“entre eles ninguém passava necessidade, pois todos colocavam os bens em comum”*.

Assim tem sido a história dessa Instituição que se tornou a maior Assistente Social da humanidade. *“Os cristãos tinham tudo em comum”*, cantamos em nossas celebrações litúrgicas. Este é o desafio: precisamos continuar conjugando o verbo no presente: os cristãos temos tudo em comum. Assim, seremos o que o Mestre sempre sonhou: *COMUNIDADE DE AMOR*.

Pe. João Batista de Almeida

Reitor do Santuário Nacional